

1

A professora, seus alunos e a televisão

Naquela manhã chuvosa de 1985, eu disse aos meus alunos que havia acabado a hora do recreio, que parassem com aquela brincadeira de pique. Pedi para que se levantasse aquele que permanecia deitado no chão e que viessem, todos, para a sala de aula. Também lembrei para que não se esquecessem de dobrar e de trazer os panos que estavam usando para brincar. Os que chegaram mais rápido perto de mim expressaram com indignação e impaciência o tamanho do meu desconhecimento: “Inês, a gente não está se sujando, o chão está seco; a gente só está brincando de Tancredo.” E a turma foi se organizando com energia para me explicar o que só eles sabiam. E seguiram: “O morto fica coberto com a bandeira, parado, né? Morto. A gente tem que tirar a bandeira sem tocar nele, para ele não acordar. Quando alguém toca ou esbarra no defunto, ele levanta, fica vivo, muito zangado e sai correndo para pegar a gente.”

Essa história, que chamo de “situação-síntese”, aconteceu numa escola situada na zona portuária do Rio de Janeiro, bairro do Caju.

De 1977 até 1994, fui professora alfabetizadora da rede pública. Naquele período, mais especificamente no ano de 1985, o Brasil viveu a morte de Tancredo Neves e, com isso, suas expectativas de mudança, conforme nossa História já registra. O luto nacional e o funeral do político ocupavam amplamente a mídia, e foi, em especial, o noticiário televisivo o responsável pelo contato daquelas crianças com as imagens da morte, a que tiveram acesso direto, de forma contínua, por mais de duas semanas, em domicílio.

Naquela época, não podia entender o(s) caminho(s) que juntos, crianças e adultos, trilhávamos no processo de conhecimento individual e coletivo já intermediado pela presença marcante e crescente da televisão. Portanto, fazia-se necessário, desde então, compreender, com mais profundidade, a interação que meus alunos estabeleciam com o que viam na tevê. Eles me faziam entender a infância como uma etapa comum, pela qual todos passavam, mas, ao mesmo tempo, comprovavam haver algo que se realizava de maneira muito peculiar, específica em cada um deles. Vários aspectos, como época, lugar, relações familiares, etc., produziam modos próprios de ser criança, e estes aspectos personalizavam a vivência da infância em cada uma das minhas crianças. Com isso, crescia em mim

um desconforto necessário e produtivo, carregado de ambivalências, imprevisibilidades, contradições e conflitos que me impunham o desafio de pensar em televisão e audiência sob um prisma diferente daquele cristalizado pelo senso comum. Não era possível aceitar a existência de uma relação linear e simplista que colocava, de um lado, a televisão como emissora e, de outro, uma audiência infantil homogeneizada, despreparada e passiva.

Desde então, vim observando as crianças interagirem criativamente com os produtos e objetos que resultam dos expressivos avanços tecnológicos a que têm acesso, cada vez num ritmo mais frenético, como o cinema, o rádio, a internet e os celulares, e também com as notícias da televisão. Mais recentemente, as narrativas ganharam sons, imagens, cores, movimentos e interatividade, tornando possível construir e reconstruir o “era uma vez”, os casos e as histórias em diferentes suportes e linguagens. Em paralelo, o mercado nitidamente veio estimulando o consumo e, com isso, vem facilitando o acesso gradativo da população às novas “tecnologias da informação, da comunicação e do conhecimento”, como parece mais adequado nomeá-las, sob o viés do mercado.

Neste mundo altamente *tecnologizado*, está inserida a escola como uma instituição social. Dentro dela, há crianças e professores com histórias, valores, experiências prévias, expectativas e até mesmo com maior ou menor contato com essas tecnologias, ou seja, há um encontro previsto e altamente estimulante entre pessoas diferentes. Nesse espaço, espera-se que o professor regente¹, aquele que atua um ano letivo inteiro com uma mesma turma de crianças, esteja ciente de que elas são pessoas diferentes, ainda que da mesma idade, que a interação delas tanto será produtiva na resolução de desafios e de conflitos, quanto deverá ser geradora de conflitos que precisarão ser administrados dentro/com o grupo. Esta característica da sala de aula, também do espaço escolar, sugere que exista uma intervenção atenta do professor para garantir e valorizar os espaços de fala e de escuta de todos, num ambiente de respeito e de acolhimento das diferenças. Como professora de crianças, essa conduta implicou sempre a possibilidade de compreender e de partilhar a rede de significação simbólica que (des)unia meus alunos, sem igualá-los. Essa rede de significados tecida na linguagem se sustentava nas enunciações e narrativas. As conversas dos meus alunos sobre o que viam na

¹ Refiro-me aqui ao professor II, como é classificado e nomeado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

televisão indicavam conhecimento e apropriação de muitas funções da narrativa televisiva, como: entreter e informar e, ao mesmo tempo, propagar idéias, valores e concepções de vida, reais e/ou muitas vezes imaginadas, algumas jamais experimentadas, impactando o processo de constituição de suas identidades. As narrativas, assim, cumpriam a função de tecer a existência entre os meios e a sociedade, e, assim, escutar com atenção e buscar compreender as narrativas infantis eram ações determinantes para se conhecer(em) o(s) modo(s) como as crianças se sentiam parte do mundo, como entendiam e se expressavam no/sobre este mesmo mundo. Eu julguei oportuno e esclarecedor ouvir e considerar as histórias contadas pelas crianças a partir do que a televisão lhes oferecia como uma possibilidade de transformação das práticas sociais que “falam” da sociedade e que, ao mesmo tempo, constituem saberes acerca desta mesma sociedade. E, desde então, pude supor que fosse a televisão o lugar de onde as crianças retiravam grande parte do que sabiam para compreender o cotidiano e a vida.

A partir de 1995, concludo meu mestrado, passei a integrar o corpo docente da Uerj (graduação de Pedagogia, nas áreas de Educação Infantil e de Alfabetização) e, nessa condição, julguei pertinente incorporar aos meus planos de cursos questões ordinárias da vida contemporânea que julgava imprescindíveis para a formação universitária de professores e pedagogos, tais como: a) a dicotomia existente ainda hoje entre os que pensam televisão (produtores) e os que consomem (quase todos) os produtos televisivos; b) a ocupação crescente do espaço da televisão na vida de professores e alunos, de todas as idades, e o quase total desconhecimento da sociedade organizada sobre as características dessa forma de linguagem; c) o desconhecimento por grande parte da sociedade quanto ao fato de a televisão brasileira ser uma concessão estatal, o que possivelmente justifica uma relativa imobilidade para buscar conhecer, desejar, discutir e questionar a qualidade da programação oferecida; d) a tendência de professores e pedagogos em formação a tomarem, com muita frequência, como “perda de tempo” a possibilidade de conversar na escola sobre o que se vê na tevê; e) uma desatenção para com os aspectos comerciais que pautam e que submetem a programação da televisão aberta e que, em grande parte, criam e endossam os vínculos com o consumo de bens materiais e simbólicos, suscitando sonhos e demandas, além de disseminarem fortemente o conceito do “descartável”; f) a prevalência de uma ótica do consumo como elemento maléfico, atribuído à programação televisiva, em que esta,

supostamente, seria a principal responsável pelas desigualdades socioeconômicas e culturais do povo brasileiro. Nesse viés, estaria na televisão a causa das piores mazelas contemporâneas, como a miséria, a violência e a falta de esperança. Essas e muitas outras questões relativas ao ofício do professor e à função da escola no mundo contemporâneo permaneciam, em mim, à busca de respostas e de compreensão.

Por tudo isso, retornei à PUC-Rio, em 2005, desta vez como aluna do Doutorado em Educação, para estudar e compreender melhor a relação das crianças com as mídias, mais particularmente com a televisão.

1.1 GRUPEM² - Aproximação do tema da pesquisa

Meu objeto de estudo emergiu da análise do material empírico reunido na pesquisa *Crianças e televisão*, realizada entre 2004 e 2006, pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia (GRUPEM), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), com apoio do CNPq e parceria institucional com a TVE/Rede Brasil.

A intenção do referido grupo de pesquisa era coletar um material que lhe possibilitasse abarcar não apenas as expectativas das crianças com relação à TV, mas, mais diretamente, a relação que elas estabeleciam com o que viam regularmente, incluindo gostos, interesses, críticas e grau de conhecimento da linguagem e dos formatos televisivos.

Com esse viés, a pesquisa *Crianças e televisão* foi encaminhada como um estudo de base quantitativa, considerando-se a dimensão da audiência infantil da televisão brasileira, o que justifica a intenção à época de se coletarem dados entre um significativo número de sujeitos de modo a ser possível traçar um panorama geral da relação entre crianças e televisão. Naquele momento, inspirada em um modelo de investigação desenvolvido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) que vinha sendo desenvolvido em outros países, intitulado "TV como te quero", os pesquisadores do GRUPEM optaram por fazer uma chamada

² Ver <http://www.grupem.pro.br/>. A pesquisa *Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê*, ver Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro, n. 33, 2006, disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 30/2008.

pela televisão convidando crianças a participar da pesquisa com o envio de suas opiniões. Inicialmente, buscava-se ainda obter elementos de comparação entre crianças brasileiras e crianças de outros países.

Neste percurso, a equipe do GRUPEM optou por essa chamada pela televisão apenas veiculada em âmbito regional e somente através de emissoras de televisão públicas, em que a TVE/Rede Brasil garantiu a produção e veiculação de um *spot* em que a pergunta dirigida às crianças era a seguinte: “O que eu penso da tevê?”. (DUARTE, R. MIGLIORA, R. LEITE, C. 2006). Esse *spot* teve como objetivo convidar crianças da Região Sudeste, com idades entre 8 e 12 anos, a enviar cartas, desenhos ou mensagens eletrônicas para o grupo de pesquisa com suas reflexões a respeito do que viam na televisão, do que gostavam e não gostavam de ver, por quê. Para garantir um maior número de respostas, o GRUPEM envolveu também os professores na campanha, e, para isso, foram confeccionados cartazes dirigidos a eles, solicitando-lhes que estimulassem seus alunos a participar da pesquisa. Os cartazes foram encartados no jornal *Folha Dirigida*.

Com este empenho de divulgação, a equipe do GRUPEM recebeu mais de 900 respostas, entre desenhos e textos. Todo o material foi catalogado e identificado. Os textos, digitados e fragmentados em unidades de significação que se configuraram na principal fonte de dados desta pesquisa.

Todos os textos foram analisados por todos os membros do grupo de pesquisa, a partir de categorias teóricas (definidas previamente a partir da literatura de referência), e categorias não-teóricas (extraídas da primeira leitura dos textos). Isso permitiu a organização das informações, idéias, opiniões e reflexões expressas pelas crianças a respeito dos diferentes canais de televisão a que têm acesso; dos seus programas prediletos; da violência presente nos produtos televisivos; do papel desempenhado pela televisão no seu cotidiano; das concepções delas acerca da influência da televisão na sociedade, além de temáticas mais gerais, como consumo e qualidade da produção televisiva.

Essa pesquisa realizada pelo GRUPEM está disponibilizada, hoje, em um livro³ recém publicando que se configura como uma compilação de grande parte dos relatórios temáticos originados a partir da análise da empiria.

³ Duarte R. (org) – A televisão pelo olhar das crianças. SP: Editora Cortez, 2008.

Em 2005, portanto, assim que ingressei no doutorado e no GRUPEM, em que a análise do material estava iniciada, fortaleci minha intenção inicial de compreender a relação que crianças estabeleciam com a produção audiovisual. A equipe do GRUPEM estava debruçada sobre este material que, exposto ao olhar e às análises sob diferentes viéses dos estudiosos e pesquisadores a ele dedicados. Nessa etapa, coube a mim a análise de elementos que as crianças demonstravam recortar e consumir a partir do que a televisão lhes oferecia e que envolvia materiais e produtos, sentimentos, atitudes e comportamentos. Esses elementos podiam ser reunidos sob o título *Televisão e Consumo*, tema e título final do relatório por mim elaborado, estruturado a partir de duas categorias, não excludentes, que emergiram do material produzido pelas crianças.

Uma das categorias extraída dos textos das crianças tomava a televisão como uma “tecnologia de primeira necessidade⁴”, um objeto de consumo indispensável, considerando-se quatro outras necessidades básicas: a) a de se ter pelo menos um aparelho de televisão com controle remoto; b) de companhia; c) de pertencimento; d) de ter contato com sentimentos. A segunda englobou as possibilidades de consumo de certos conteúdos como subprodutos da relação que estabelecem com o que “esse eletrodoméstico” (tal como era entendida a TV por grande parte das crianças) lhes disponibiliza. Dessa segunda categoria, fazem parte outras “necessidades” de consumo: a) bens materiais e simbólicos; b) diversão e fantasia; c) informação; d) conhecimento.

Ao fim da minha análise e dos demais trabalhos do GRUPEM, ficou evidenciada a importância de serem desenvolvidas novas investigações que mergulhassem com mais profundidade em certas questões sinalizadas pelas próprias crianças do universo de pesquisa. Uma delas, que se destacou das demais pela recorrência, consistia em buscar compreender melhor a concepção que as crianças têm sobre as notícias da televisão, como estas se relacionam com o que definem e recortam como tal, principalmente diante do repúdio e medo dos noticiários da televisão, expressos pelas crianças que haviam participado da pesquisa do GRUPEM.

⁴ NECESSIDADE, neste estudo, é entendida como uma categoria cultural que supera os aspectos bio-psico-físicos que caracterizam o ser humano como espécie.

Neste ponto, houve uma sinergia imediata e densa entre a configuração de minha vida pessoal e profissional, sempre entre a jornalista e a professora, diante dessa complexa questão que envolvia as crianças e o mundo em que vivem. A abrangência da questão, que, a meu ver, retrata e sofre muitas interveniências de naturezas muito diferenciadas, exigia que eu delimitasse os alcances e as possibilidades do meu futuro estudo. Assim, a abordagem do tema exigia uma aproximação direta com as crianças na intenção de conhecer e de compreender o conceito de notícia usado por elas, em que seria tomado como pontos de partida os telejornais e os programas televisivos identificados por elas como fontes de notícias.

O tratamento da empiria do GRUPEM indicava serem as “notícias da televisão” um conceito ambíguo e difuso, uma vez que poderia abarcar avisos ou anúncios de fatos e/ou situações de tempos passados, presentes ou futuros; esses fatos poderiam não só estar referenciados em cenários e espaços variados, muitas vezes simultâneos, como também integrarem dados, eventos e fatos ficcionais ou imaginários. Essa pesquisa do GRUPEM deixou também para mim, como pesquisadora, um pano de fundo que evidenciava uma tendência contemporânea de convergirem jornalismo e ficção. Parecia haver movimentos simultâneos em dois sentidos, provocando um deslocamento da ficção, por um lado, que cada vez mais se afastaria do herói trágico, modelar e, por outro, a busca de um herói simpático, desde que fosse plenamente identificado com o espectador, o que tornaria, assim, a ficção cada vez mais documental⁵.

Ao mesmo tempo, o jornalismo, cada vez mais sensacionalista, já vinha fazendo de suas matérias pequenos espetáculos, cheios de apelos emocionais, nos quais a linguagem pretensamente poética, a música, a edição, a beleza plástica pareciam procurar levar o espectador a um clima envolvente e embebido de dramaticidade em que a emoção tomaria o lugar de uma pretensa escuta racional e ponderada das notícias. Emoção e afeto, assim, pareciam conquistar um lugar até então privilegiado nos domínios que pareciam destinados exclusivamente à informação e à chamada “transmissão objetiva” de conhecimentos. E, como

⁵ A novela *Páginas da Vida*, veiculada em horário nobre pela TV GLOBO, de 10 de julho de 2006 até 2 de março de 2007, compunha sua trama com depoimentos de cidadãos comuns, em cenas gravadas ao vivo, nas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

decorrência disso, vieram a reboque novas perguntas que, durante o doutorado, mereciam ser aprofundadas e respondidas.

Assim, foram esses encaminhamentos e um volume significativo de questões e de dúvidas que justificaram a pesquisa que se segue sobre as crianças e as notícias.